



Cap sur l'école inclusive
en Europe



Boas Práticas

Afastar-se e encontrar o objeto

Tronco do módulo R

↻ Contexto

Estamos numa escolar primária. A situação que vamos apresentar diz respeito a uma criança que vem de uma turma CP (curso Preparatório, isto é 1º ano) onde apresentava dificuldades, e que será acolhida numa ULIS (unidade local para a Inclusão Escolar, isto é unidade localizada para a inclusão escolar) e numa turma no CE1 (curso Elementar 1, isto é 2º ano)

↻ Objetivos

Esta ficha de boas práticas tem como objetivo mostrar a partir de um caso prático e também dito de clínico como o professor que escolhe adotar uma posição empática na relação com a criança com NEE¹ consegue passar de uma relação conflituosa para uma que permite à criança encontrar os seus próprios recursos (o objeto transitório) a partir da singularidade dos seus sintomas.

↻ Desenvolvimento da Boa Prática

↻ *Curta explicação sobre a situação da criança:*

L. era um aluno que chegou à turma CP (1º ano) no final do ano letivo. Na escola onde andava, a sua situação tornou-se complicada, recusava voltar à sala de aula e explodia logo cedo pela manhã. L. Sofre do que se apelida de distúrbios comportamentais. Chegou em maio com o seu AVS (Auxiliar da Vida Escolar, isto é, assistente da vida escolar) e rapidamente a situação acalmou. Ele concorda em participar na aprendizagem, perante a qual, e pelo facto de estar a repetir a turma de CP, não apresentou grandes

¹ Necessidades Educativas Especiais

dificuldades, mas a situação permaneceu frágil. Uma orientação da ULIS foi tida em consideração, o objetivo do 1º período da CE1 na minha turma era observar a relevância desta orientação.

De volta à escola, depois das férias, as coisas corriam muito bem. L. Senta-se com os outros alunos e faz amigos rapidamente, participa na oral mas monopoliza muita da atenção especialmente quando se trata de escrever. Como eu não estou sempre disponível para ir ao encontro da atenção que ele exige, ele volta ao seu AVS e os conflitos multiplicam-se. No final, a sua relação torna-se cada vez mais problemática. As dificuldades de aprendizagem aumentam, levando à recusa de L. e ao aumento das crises na sala de aula, especialmente na Matemática, a passagem para o “cem” torna-se um passo intransponível para L., em todas as abordagens que utilizei. Confirma-se, então, a orientação prevista pela ULIS.

➤ *Situação prática “encontrar o objeto transacional”*

As potenciais soluções que permitem ao L. continuar a vir à aula sem muitas crises parecem estar a surgir. Seguindo o meu conselho, ele pode isolar-se atrás de uma prateleira por alguns minutos para se acalmar e depois voltar para o grupo-turma. Um detalhe que no início parecia trivial mas que é importante: L. traz todos os dias um objeto de casa. Pode ser um berlinde, um balão ou um clipe, uma imagem. No início, confiscava-lhe o objeto assim que entrava na sala de aula, mas rapidamente me apercebi que isto provocava reações desadequadas no aluno que podia chegar a uma crise. Assim, decidi permitir, assegurando que isto não provocava explosões e que perturbava a turma. Apercebi-me que este objeto era um apoio para L., ele mordia-o, chupava-o, punha-o no bolso... tantas vezes até se esquecer dele por algum tempo. Dois meses após o início do ano letivo, foi tomada a decisão: L. será orientado pela ULIS na nossa escola e será incluído a tempo parcial na minha turma. Ele não terá um AVS específico.

L. pode, deste modo, beneficiar da atenção especial que precisava, por vezes, num grupo pequeno na ULIS, por vezes num grupo-turma. De manhã tratava-se as suas dificuldades de aprendizagem na ULIS e à tarde ele vinha sempre com o seu « objeto do dia », por vezes muito visível, outras vezes muito discreto, mas que sempre aparecia. Então, um dia no final do ano, ele anunciou à turma : é assim, senhora professora, eu sei contar até 120 ! « pequenos milagres » acontecem todos os dias...

➤ Avaliação da atividade

Nesta experiência com L. o professor atrapalha-se com a relação que tenta gerir entre ele e este objeto. O comportamento de L. não é trivial, é bastante perturbador quando consideramos qo que as outras crianças desta idade observam. Mas o professor observou que ao privar a criança da relação com o objeto isso levaria inevitavelmente a uma relação conflituosa. Em vez de persistir numa relação frontal, utilizou o que se chama « um passo para trás » na Educação Especial. É necessária uma atitude empática para arriscar perturbar a atmosfera da turma com este objeto, permite gerir uma problemática clássica, a da **separação**.

Esta foi a maneira encontrada para resolver a situação. E a experiência parece conclusiva.

➤ Limitações

Como podemos ver, a atitude empática é um princípio que nos permite recuar, dar tempo à outra pessoa para mostrar os recursos, os pontos de apoio que tem e nos quais se pode basear um trabalho educacional a realizar com ele. Contudo, requer uma atenção que exige tempo e energia.

➤ Perspetivas

Mesmo quando comprometido com a atitude empática, quando se consegue, ao ouvir e observar, identificar as situações onde os recursos e/ou as exigências do aluno com necessidades educativas especiais (NEE) são expressas, deve-se contar com o apoio de uma pessoa de acompanhamento (um assistente da escolar, por exemplo) que pode apoiar a inclusão da singularidade do aluno